

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO LICENCIATURAAcadêmicos: Ronaldo J. Passos¹**Avaliação do conteúdo de livros didáticos referentes à História Moderna e
História da América Colonial****INTRODUÇÃO**

A avaliação deste trabalho irá se lançar à partir da análise dos livros didáticos *Projeto Araribá – História 7º ano*², de Maria Raquel Apolinário (USP), e *Nova História – Crítica 6ª série (7º ano)*³, de Mário Furley Schmidt (UFRJ). Volumes estes destinados a serem oferecidos aos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, tratando-se, por conseguinte, de livros com didática próxima da utilizada nas salas de aula atualmente. *Projeto Araribá – História* é dividido em Unidades, onde estas são subdivididas em Temas. A autora lança mão de suas duas primeiras Unidades para, na primeira, dar uma breve compreensão da “Formação da Europa Feudal” e, na segunda, oferecer os “Mundos além da Europa” – onde aborda a Arábia e alguns reinos africanos. No que se refere aos conteúdos de História Moderna e História da América Colonial, o livro de Maria Raquel Apolinário entra no assunto a partir da Unidade 3, onde trata da formação dos Estados europeus moderno; na Unidade 4 abrange no Temas o Renascimento e as reformas religiosas; na Unidade 5, em Temas, trata do nascimento das monarquias nacionais, da expansão marítima europeia e das civilizações pré-colombianas; na Unidade 6 é proposta a colonização das Américas; na Unidade 7, o império Ultramarino Português; na Unidade 8, a colonização portuguesa sobre o Brasil. Prontamente *Nova História – Crítica* é mais direto em sua abordagem didática. O livro é dividido em 17 capítulos: 1. A Europa Medieval; 2. As grandes mudanças; 3. O absolutismo; 4. O mercantilismo; 5. A expansão marítima; 6. O Renascimento; 7. A América antes dos europeus; 8. A conquista da América; 9. O início da colonização; 10. A reforma protestante; 11. África; 12. O Sistema

¹ Acadêmico de História – UFJF (Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura).

² APOLINÁRIO, Maria Raquel. **Projeto Araribá – História**. 7º ano. 2 ed. São Paulo: Moderna. 2014.

³ SCHMIDT, Mario Furley. **Nova História – Crítica**. 6ª Série (7º ano). 2 ed. São Paulo: Nova Geração. 2002.

colonial; 13. O escravismo colonial; 14. A civilização do açúcar; 15. A América espanhola; 16. A revolução científica; e 17. Expandindo o Brasil. Neste livro, o autor propõe uma miscelânea de colocações sobre os então sistemas econômicos sociais vigentes, à suas épocas, com o atual sistema capitalista.

ANALISE DOS LIVROS

O livro de Maria Raquel Apolinário apresenta os conteúdos de História Moderna e História da América Colonial de forma sucinta. Em *Projeto Araribá – História*, a autora discorre acerca: das mudanças nos campos e nas cidades europeias; da formação dos Estados europeus modernos; da razão e a fé; das crises europeias, como pestes e fome; das revoltas camponesas; do Renascimento; da reforma protestante e da contrarreforma Católica; do absolutismo; da expansão marítima europeia; das civilizações americanas pré-colombianas (astecas e incas); da colonização europeia sobre a América; e, por fim, em seus dois últimos capítulos (Unidades), temos a relação de Portugal e Brasil, a metrópole e a colônia.

Os temas abordados em relação à História Moderna e América Colonial no livro de Apolinário seriam, então, postos em sua forma ampla, respeitando a cronologia. Sem desvios e vícios. O Conteúdo é mais que apropriado para a idade do aluno alvo.

Nova História – Crítica, de Mário Furley Schmidt, propõe um estudo bem crítico, como incita o título do volume. O autor, ao longo de 27 páginas (38-65), coloca, em suas palavras, como “eterna” a “ordem feudal”. Schmidt expõe a cultura agrária do período; as tecnologias usadas; o crescimento urbano; o absolutismo; a imprensa; a expansão marítima; as reformas religiosas na Europa; o mercantilismo; o Renascimento; a revolução científica; as mentalidades; América pré-colombiana; o encontro cultural, ou “choque”, entre europeus e ameríndios; e o Brasil colonial.

Schmidt estabelece uma simbiose entre a História Moderna com o capitalismo moderno. Cita balizas atuais, como “luta de classes”, e, ao ver do grupo que analisou sua obra, distorce o termo “burguesia” ao fazer referência ao que **hoje** ele significa. Deixando de lado o que o termo significava na época em que o texto do livro se refere. Schmidt afirma que a riqueza e o capital já eram próprios do período, bem como capitalistas e burgueses. Garante ainda que os nobres medievais “rapidamente viravam capitalistas” (página 50) e que banqueiros e nobres financiaram a Revolução Francesa em 1789, tratada pelo autor como “Revolução Burguesa”. Schmidt escreve, além disso, que o episódio foi

“a vitória final da burguesia e do capitalismo sobre o antigo regime” (página 59). Nas páginas 60 e 61 demonstra num esquema comparativo entre Feudalismo e Capitalismo, seus diversos malefícios e seus poucos benefícios – este último em especial para a nobreza.

Em suma pode-se afirmar que os temas abordados em relação à História Moderna e América Colonial, no livro de Mario Schmidt, são agenciados num formato vasto, respeitando sempre a cronologia. O conteúdo é apropriado para a idade do aluno inserido na série, contudo, ponderações do professor se fazem relevantes.

A historiadora Maria Apolinário oferece ao usuário de seu livro um sentido no estudo das sociedades do período Moderno e da América Colonial. São propostas questões para reflexão, observamos isso, principalmente, nas exposições do fortalecimento do poder da Igreja Católica; na evolução da agricultura e do comércio; no legado da arte e da cultura europeias a civilização ocidental; e, por fim, na colonização europeia - que “tirou” do povo das Américas suas bases culturais, substituindo-as por outras ainda hoje presentes e mais fortes ainda que as “originais”. Não foi notada nenhuma ação de caráter preconceituoso ou mesmo ideológico no texto, onde o sociocultural é a matriz da escrita, que conta também com alguns aspectos políticos e econômicos.

Em *Nova História – Crítica*, notamos Schmidt demonstrar sentido reflexivo de estudo das sociedades da Era Moderna e da América Colonial mais expressivamente em sua relação comparativa com o “capitalismo” e o “burguês” atuais. Schmidt afirma que os “burgueses são capitalistas” e que já existiam à época feudal. No livro não foi notado nenhum caráter preconceituoso, mas sim ideal de cunho marxista. Mas, mesmo nesse caso, podemos afirmar que toda visão é válida para fazer do aluno um ser pensante e consciente das mais diversas variantes existentes nos campos da História. Contudo, o papel do professor é imprescindível para que o aluno entenda o contexto e possa formular, a partir das diversas teorias, a sua reflexão pessoal. A escrita tem características de aspectos socioculturais, bem como de caráter econômicos e políticos. E é esse seu ponto transcendental, a abordagem crítica político-econômica.

IMAGENS, FONTES E ATIVIDADES

Ambos os livros didáticos são ricos em imagens e mapas. Por se tratar de uma Era anterior às técnicas fotográficas, observamos o uso de muitas litografias, pinturas e desenhos da época – bem como fotografias atuais para comparação.

Em geral as imagens são usadas para agregar valor a determinados assuntos, como por exemplo, numa fotografia de 2006 - contida na Unidade 6. Espanhóis e ingleses na América; Tema 5. Franceses e holandeses na América do Norte - no livro de Apolinário (p. 177), onde temos as tropas estadunidenses lotadas no Iraque comemorando o “Dia de Ação de Graças”. O feriado simboliza a aproximação e o auxílio mútuo de colonos brancos com os indígenas na então colônia de Plymouth em 1621. Mas, o fato do Dia ter sido comemorado no Iraque invadido pelas tropas gera um dualismo a ser reflexionado. O “Destino Manifesto” estadunidense (criado por volta de 1845) e suas ações expansionistas se exprimem ainda hoje por meio da força.

Nova História – Crítica, de Schmidt, também adota imagens da época estudada e fotografias atuais para comparação. Contudo, se difere da totalidade do conteúdo imagético uma charge atual colocada no capítulo 2 (As grandes mudanças; p. 47), na qual se tem dois quadros. No primeiro um servo e um senhor feudal, no segundo um trabalhador e um empresário modernos. Em ambos, as quatro personagens estão igualmente retratadas, diferindo apenas nos indumentos. Novamente, a alusão de feudalismo e capitalismo se faz presente. Outra proposta de caráter crítico comparativo nos chama a atenção: no capítulo 13 do livro (O escravismo colonial), numa primeira imagem temos cinco negros amarrados por corda nos pescoços por um policial branco, no que parece ser uma foto dos anos 1980; na outra se vê uma caravana de negros escravos acorrentados, numa gravura do século XIX. A comparação crítica é óbvia, ainda que a escravidão tenha sido abolida, negros pobres ainda são tratados de forma desumana em nosso país.

Acerca das atividades propostas, *Projeto Araribá – História* destina em média 15 páginas de exercícios com textos e imagens reflexivas ao longo de cada uma de suas Unidades. Atividades analíticas e interpretativas, com proposta de realização individual ou em grupo, no sentido de fazer a aprendizagem ser transformada em conhecimento. Os textos de apoio oferecem suporte ao assunto abordado e é destinado ao conhecimento do aluno. Num cunho moderno tem seu conteúdo em paridade com o proposto pela universidade. Como, por exemplo, citações de historiadores da envergadura de Jacques Le Goff (Unidade 3. Mudanças na Europa; p. 90).

Nova História – Crítica segue linha editorial parecida, pois estabelece atividades, nas quais temos textos complementares no âmbito de auxiliar na compreensão dos alunos, exercícios de revisão e reflexões críticas com o uso de imagens e fotografias. Tudo no ideário de uma aprendizagem contínua, para transformar a informação em conhecimento. No entanto, o livro de Schmidt conta com um número reduzido de páginas por capítulo, numa média de quatro páginas. O conteúdo é próximo do recomendado pela universidade, citamos como exemplo o uso do historiador Perry Anderson (Capítulo 3. O absolutismo; p. 79).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em comparação à historiografia das obras, podemos aferir qualidade ao conteúdo somente do livro de Maria Raquel Apolinário – tanto nas questões textual quanto na ideológica. Em seu livro a história social, cultural, política e econômica, assim como o tempo histórico completam a síntese de modo bem convidativo, porém com ressalvas, ao aluno e ao professor na escassez de mapas. Acerca da obra de Schmidt, discorreremos em breve sobre o porquê de sua reprovação em nossa análise.

Projeto Araribá – História tem como autora a historiadora Maria Raquel Apolinário. Ela é editora executiva da Editora Moderna e teve sua formação no campo da História, na Universidade de São Paulo (USP). Apolinário trabalha também como professora das redes públicas de São Paulo há mais de 15 anos⁴. Em nossa análise, chegamos à conclusão que Apolinário enfatiza as continuidades, aproximando-se muito da IIIª Geração do *Annales*. A ênfase no estudo da cultura, da política e do social de maneira geral, além do diálogo com o campo das mentalidades, no fazem crer que Apolinário comunica sua historicidade com a citada escola francesa. A obra deixa a desejar segundo nossa avaliação no quesito dos mapas, o qual faltou um melhor trato.

O historiador Mário Furley Schmidt, formado na UFRJ, é considerado o autor que mais vendeu livros de História do país, tendo somente a série *Nova História – Crítica* vendido mais de 10 milhões de exemplares. Esta obra, aqui analisada, foi recomendada pelo Ministério da Educação (MEC), mas no ano de 2007 o livro foi rejeitado sob a

⁴ EDITORA MODERNA. **Projeto Araribá – História**. Disponível em: <<http://www.modernadigital.com.br/main.jsp?lumPageId=4028818B3D4657C0013D5FB33E625882&IdDisciplina=4028808120F7760101211B4A74E31F76&itemId=8A8A8A833D8C9B1C013DA83FFDA34E1F>>. Acesso em **21 nov.** 2016.

alegação de que continha “erros conceituais, falhas de informação e incoerência metodológica”. A obra também foi objeto de uma polêmica com o jornalista Ali Kamel, que a denunciou como “voltada à propaganda ideológica do comunismo”⁵. *Nova História – Crítica* apresenta, realmente, forte visão marxista em sua abordagem histórica. O autor usa por vezes termos tradicionais da desta historiografia, como “modo de produção” e “luta de classes sociais”. Isso, no entanto, não bastaria para a afirmação, mas ao decorrer do texto Schmidt demonstra sua repulsa - a nossa visão seu quase ódio - ao sistema capitalista. Fazendo até mesmo analogias incongruentes, como na afirmação de que os burgueses antigos eram como os burgueses de hoje (p. 50), dando sentidos **iguais** a ambos. O campo das fontes é uma interrogação, pois não temos uma fonte sequer no livro inteiro – o qual foi lido na íntegra com o intuito de encontrá-las.

Em comparação à historiografia das obras, como já foi comentado, aferimos qualidade ao conteúdo somente do livro de Apolinário. O livro de Schmidt trata da história social, cultural, política e econômica, assim é rico em mapas, comparações críticas e reflexivas importantes. Mas, sua latente questão deturpada de ideologia como o tempo histórico e sua conhecida rejeição pelo próprio MEC, em 2007, nos leva a não aprovação para o uso em sala de aula⁶.

Contudo, como acadêmicos, podemos usar ambos os livros. Mesmo que um peque em algumas faltas e o outro por excessos. Pois o diálogo e o debate historiográfico devem ser impulsionados e exercidos. Os livros, mesmo com a ressalva dos mapas e fontes, além das falhas num engajamento ideológico, podem ser bem aproveitados em sala de aula por nós acadêmicos. Na sala de aula, devemos levar em conta as questões críticas do tempo histórico, as experiências dos alunos e suas respectivas idades. Sem esquecer que o livro didático, seja ele qual for e que tempo trate, é um instrumento de auxílio na sala de aula. Cabe ao professor, então, harmonizar os caminhos da criticidade ao aluno, fazendo dele um ser pensante e munido de ideais.

Por fim, ressaltamos que cabe ao professor também escolher o livro a ser usado em sala de aula. Optando por um modelo de ensino do conteúdo programado ao 7º ano, ou pela aplicação de uma doutrina ideológico-política.

⁵ O GLOBO. **Livro didático reprovado pelo MEC continua sendo usado em salas de aula do Brasil**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/livro-didatico-reprovado-pelo-mec-continua-sendo-usado-em-salas-de-aula-do-brasil-4153370>>. Acesso em 21 nov. 2016.

⁶ Para saber mais sobre rejeição do MEC: OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **A polêmica sobre a nova história**. Disponível em: <<http://observatorioidaimprensa.com.br/interesse-publico/a-polemica-sobre-a-nova-historia/>>. Acesso em 21 nov. 2016.

REFERÊNCIA

APOLINÁRIO, Maria Raquel. **Projeto Araribá – História**. 7º ano. 2 ed. São Paulo: Moderna. 2007.

EDITORA MODERNA. **Projeto Araribá – História**. Disponível em: <<http://www.modernadigital.com.br/main.jsp?lumPagelId=4028818B3D4657C0013D5FB33E625882&IdDisciplina=4028808120F7760101211B4A74E31F76&itemId=8A8A8A833D8C9B1C013DA83FFDA34E1F>>. Acesso em 21 nov. 2016.

O GLOBO. **Livro didático reprovado pelo MEC continua sendo usado em salas de aula do Brasil**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/livro-didatico-reprovado-pelo-mec-continua-sendo-usado-em-salas-de-aula-do-brasil-4153370>>. Acesso em 21 nov. 2016.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **A polêmica sobre a nova história**. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/a-polemica-sobre-a-nova-historia/>>. Acesso em 21 nov. 2016.

SCHMIDT, Mario Furley. **Nova História – Crítica**. 2 ed. São Paulo: Nova Geração. 2002. Série: 7º ano.